

DIFERENÇAS NA COMPLEMENTAÇÃO DE VERBOS EVIDENCIAIS NA EXPRESSÃO DA DEDUÇÃO E DA PERCEPÇÃO DE EVENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Vítor Henrique Santos da SILVA¹

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)
vitorhss20@gmail.com

RESUMO: A evidencialidade é uma categoria qualificacional que marca a fonte da informação contida em um enunciado ou o meio pelo qual o falante obteve essa informação. Adotando o arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e a classificação da evidencialidade proposta por Hengeveld e Hattner (2015) e Hengeveld e Fischer (2018), é possível reconhecer cinco subtipos evidenciais, dois dos quais interessam a este trabalho: a *dedução*, que é um raciocínio embasado por uma percepção sensorial, e a *percepção de evento*, que diz respeito à atestação de um estado de coisas por meio de um dos sentidos. No intuito de analisar formas polissêmicas que expressam ambos os subtipos evidenciais em português, este estudo trabalha com ocorrências dos verbos de percepção *ver*, *observar*, *ouvir*, *sentir* e *perceber*, retiradas de *blogs* de temáticas diversificadas, em que esses verbos funcionam como núcleo de uma oração simples ou complexa e em que o elemento sob o escopo do evidencial funciona como complemento dessa oração. Em primeiro lugar, os resultados corroboram afirmações de trabalhos anteriores (HATTNER, 2013; HENGEVELD; HATTNER, 2015) de que a percepção de evento é caracterizada, semanticamente, pela simultaneidade entre a percepção e o evento percebido, ao passo que a dedução é caracterizada por um distanciamento temporal e/ou espacial entre a dedução e o evento deduzido. Em segundo lugar, nos dados analisados, apenas a oração que veicula a percepção de evento é encontrada com complementos não oracionais que codificam unidades semânticas de núcleo lexical. Em terceiro lugar, o complemento oracional da dedução parece ser sempre finito, ao passo que o da percepção de evento é prototipicamente não finito. Por fim, o evidencial de percepção de evento é encontrado apenas no passado e no presente, assim como o evento sob o escopo do evidencial dedutivo.

PALAVRAS-CHAVE: Evidencialidade. Dedução. Percepção de evento. Gramática Discursivo-Funcional.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/IBILCE, campus de São José do Rio Preto.

LES DIFFÉRENCES DE COMPLÉMENTATION DES VERBES VÉICULANT LE MÉDIATIF À L'EXPRESSION DE LA DÉDUCTION ET DE LA PERCEPTION D'ÉVÉNEMENT EN LANGUE PORTUGAISE

RESUMÈ : Le médiatif est une catégorie sémantique qui marque la source de l'information contenue dans un énoncé ou le moyen par lequel le locuteur a obtenu cette information. Basé sur le cadre théorique de la Grammaire Fonctionnelle-Discursive (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) et sur la classification du médiatif proposée par Hengeveld et Hattner (2015) et Hengeveld et Fischer (2018), c'est possible de reconnaître cinq sous-types de cette catégorie, dont deux entre eux intéressent ce travail: la *déduction*, qui est un raisonnement basé sur une perception sensorielle, et la *perception d'événement*, qui concerne l'attestation d'un état des choses à travers l'un des sens. Afin d'analyser des formes polysémiques qui expriment ces deux sous-types en portugais, cette étude travaille avec des occurrences des verbes de perception *ver*, *observar*, *ouvir*, *sentir* et *perceber*, retirées de *blogs* de thèmes variés, en qui ces verbes fonctionnent comme la tête d'une proposition simple ou complexe et en qui l'élément sous la portée du médiatif fonctionne comme un complément de cette proposition. Premièrement, les résultats corroborent les affirmations de travaux antérieurs (HATTNER, 2013; HENGEVELD; HATTNER, 2015) selon lesquelles la perception d'événement est sémantiquement caractérisée par la simultanéité de la perception et de l'événement perçu, alors que la déduction est caractérisée par un éloignement temporel et/ou spatial entre la déduction et l'événement déduit. Deuxièmement, dans les données analysées, avec des compléments non propositionnels qui codifient des unités sémantiques de tête lexicale, il n'est trouvé que des propositions qui véhiculent la perception d'événement. Troisièmement, le complément propositionnel de la déduction semble être toujours fini, tandis que celui de la perception d'événement est prototypiquement non fini. Finalement, les marqueurs de perception d'événement ne sont trouvés que dans le passé et le présent, comme l'événement sous la portée des marqueurs déductifs.

MOTS-CLÈS: Médiatif. Perception d'événement. Déduction. Grammaire Fonctionnelle-Discursive.

RECEBIDO EM: 30 de abril de 2019

ACEITO EM: 28 de abril de 2020

PUBLICADO EM: junho de 2020

1 Introdução

A evidencialidade é uma categoria qualificacional que marca a fonte da informação contida em um enunciado ou o meio pelo qual o falante obteve essa informação. Adotando

o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), doravante GDF, que entende o discurso como estratificado em níveis e camadas hierárquicos, é possível identificar a evidencialidade a partir de seu escopo, que pode recair sobre diferentes camadas dos níveis pragmático e semântico da gramática.

Com base em Hengeveld e Hattnher (2015) e Hengeveld e Fischer (2018), cinco subtipos evidenciais podem ser identificados, dois dos quais interessam a este trabalho: a *dedução*, que diz respeito a um raciocínio assentado em uma percepção sensorial, e a *percepção de evento*, que indica a percepção de um estado de coisas por meio de um dos cinco sentidos.

O objetivo deste trabalho é verificar se a dedução e a percepção de evento podem ser diferenciadas, no português brasileiro, a partir dos mesmos critérios propostos em trabalhos anteriores sobre a evidencialidade na perspectiva da GDF (KAPP, 2013; HATTNHER, 2013; HENGEVELD; HATTNHER, 2015). Mais precisamente, pretende-se verificar em que medida a expressão gramatical da dedução e da percepção de evento, que foi explorada pelos trabalhos citados anteriormente, e a expressão lexical desses subtipos evidenciais em português podem ser explicadas pelo mesmo conjunto de parâmetros semânticos.

Além disso, partindo da análise de elementos polissêmicos, que podem veicular tanto a dedução quanto a percepção de evento, este trabalho pretende diferenciar, em construções específicas, os padrões morfossintáticos que exprimem esses evidenciais.

Para alcançar tais objetivos, analisa-se a expressão de ambos os subtipos por meio de verbos de percepção,² a saber, *ver*, *observar*, *ouvir*, *sentir* e *perceber*, que são uma produtiva forma de expressar a evidencialidade em português. São selecionados,

² O termo *verbo de percepção* é empregado, neste trabalho, não para se referir a um subtipo evidencial específico, mas para designar uma classe de verbos cujo sentido mais básico é expressar percepções sensoriais.

especificamente, usos desses verbos em construções nas quais o verbo evidencial é núcleo de uma oração simples ou complexa, e a informação sob o escopo desse evidencial aparece como complemento dessa oração. Esse tipo de construção é escolhido por ter sido observado anteriormente como um meio de exprimir tanto a dedução quanto a percepção de evento (VENDRAME, 2010; VENDRAME-FERRARI, 2012a; 2012b; entre outros), o que permite que sejam analisadas as formas polissêmicas de codificação desses subtipos evidenciais, como se pretende neste estudo.

As ocorrências desses verbos são retiradas de *blogs*, que, por serem espaço de expressão do próprio pensamento, e também de discussão, favorecem o aparecimento de marcas que indicam a fonte da informação daquilo que está sendo enunciado.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: na seção 2, são introduzidos o modelo teórico que embasa as análises aqui propostas, bem como a classificação dos subtipos evidenciais segundo essa teoria; na seção 3, são apresentados o objeto de pesquisa deste estudo, o *corpus* utilizado e os critérios de levantamento e de análise das ocorrências; na seção 4, são discutidos os dados analisados; e, na seção 5, são feitas as considerações finais.

2 Abordagem Teórica

2.1 A Gramática Discursivo-Funcional

Este trabalho é embasado pela Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), uma teoria gramatical estruturada em níveis e camadas hierárquicos, em que os níveis mais altos são determinantes para as operações realizadas nos níveis mais baixos. A GDF é concebida como o Componente Gramatical³ de um modelo global de

³ Os termos da GDF são escritos em maiúscula, por convenção.

interação verbal, dividido em componentes que interagem entre si: o Conceitual, de onde parte a intenção comunicativa do falante; o Gramatical, responsável por traduzir as ideias em elementos pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos; o Contextual, que, entre outras funções, guarda informações de discursos anteriores e do discurso corrente; e o de Saída, responsável por passar a informação do “plano digital” ao “plano físico”, seja por meio da fala, da escrita ou da gestualidade.

A GDF está dividida em quatro níveis hierárquicos, responsáveis pelas formulações e decodificações linguísticas, que, por sua vez, estão subdivididos em camadas hierárquicas ou não entre si. O Nível Interpessoal (da pragmática), o mais alto na hierarquia, contém as ações performadas pelo falante na produção de seu enunciado e guarda elementos relevantes para a interação entre Falante e Ouvinte. O segundo na hierarquia é o Nível Representacional (da semântica), que contém categorias responsáveis por representar o mundo extralinguístico. Subsequentemente, encontra-se o Nível Morfossintático, que decodifica a informação proveniente dos níveis anteriores e dá forma morfossintática a ela, ordenando as estruturas que compõem o enunciado. Por último, há o Nível Fonológico, que recebe a informação dos outros três e a converte em informação fonológica, a qual é então expressa no Componente de Saída.

Para a discussão apresentada a seguir, importam o Nível Representacional e o Nível Morfossintático, porque é neles que se determinam o escopo e a forma de expressão, respectivamente, dos evidenciais analisados. Desse modo, a constituição desses níveis será abordada em mais detalhes.

A camada mais alta na hierarquia no Nível Representacional é o *Conteúdo Proposicional*, o qual diz respeito a um construto mental que existe apenas na mente do falante. Na sequência, está o *Episódio*, composto por um ou mais Estados de Coisas que apresentam uma unidade ou uma continuidade em termos de tempo, espaço, participantes e

domínios de realidade (HENGEVELD; FISCHER; GRANDIS, 2018). A terceira camada mais alta do Nível Representacional é o *Estado de Coisas*, que diz respeito a um evento que pode ser localizado no tempo e no espaço. Subsequentemente, encontra-se a *Propriedade Configuracional*, que corresponde aos moldes de predicação de uma língua e é formada por uma relação de camadas não hierárquicas entre si, que podem ser Propriedade Lexical, Indivíduo, Tempo, Lugar, Maneira, Razão e Quantidade.

No Nível Morfossintático, por sua vez, a camada mais alta da hierarquia é a Expressão Linguística, que diz respeito a “qualquer conjunto de pelo menos uma unidade que pode ser utilizada de forma independente”⁴ (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 308, tradução nossa) e abriga relações que vão além do âmbito oracional. A segunda na hierarquia é a Oração, que pode ser formada por Palavras, Sintagmas ou por outras Orações Subordinadas. A terceira camada na hierarquia do Nível Morfossintático é o Sintagma, que pode conter Palavras, outros Sintagmas e Orações Subordinadas. Por último, encontra-se a camada da Palavra, que pode ser formada por Morfemas, por outras Palavras, por Sintagmas e até mesmo por Orações Subordinadas, em algumas línguas.

2.2 Os subtipos evidenciais na perspectiva da GDF

Como dito anteriormente, cinco subtipos evidenciais podem ser reconhecidos na perspectiva da GDF, sendo eles:

i) *Citação*, quando o falante tenta reproduzir a fala de outra pessoa do modo como foi originalmente produzida (HENGEVELD; FISCHER, 2018). Na escrita, em português, essa indicação pode ser feita por meio de um verbo *dicendi*, por exemplo, e aspas, como a seguir:

⁴ “[...] any set of at least one unit that can be used independently.”

- (1) Ele **diz** “Sou sociólogo; nunca, de fato, estudei o feminismo ou li nada escrito por feministas” e logo depois disse que sempre se colocou como Feminista! Poxa! [Es]pera aí! (Internet)⁵

Nesse exemplo, o verbo *dizer* é utilizado para indicar que a informação apresentada faz parte do enunciado de outra pessoa. Além disso, as aspas marcam que se tentou reproduzir a informação de forma próxima ou idêntica à que foi dita originalmente.

ii) *Reportatividade*, quando o falante reconta, com suas próprias palavras, o dizer de outro alguém (HENGEVELD; FISCHER, 2018). A marca desse subtipo evidencial pode ser um verbo *dicendi*, como em (2):

- (2) Caso Daniel: Segurança **disse** que confusão ocorreu após jogador importunar menina. (Internet)⁶

Nesse exemplo, o falante reporta a fala de outro alguém por meio de discurso indireto, marcando-a como retransmitida por meio do verbo *dizer*.

iii) *Inferência*, quando o falante indica que a informação comunicada não foi percebida diretamente por ele, mas que foi inferida com base em seu conhecimento pré-existente (HENGEVELD; HATTNER, 2015):

- (3) Eu **vejo** que grande parte das mulheres adoram os perfumes marcantes. (VENDRAME-FERRARI, 2012b, p. 108)

O verbo *ver*, nesse contexto, não indica uma percepção visual, mas sim uma conclusão à qual o falante chega por meio de um raciocínio baseado em seu conhecimento de mundo, em experiências passadas etc.

⁵ Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2013/10/leitor-chateado-porque-feminismo-e-um.html>

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/04/18/caso-daniel-seguranca-disse-que-confusao-na-saida-de-casa-noturna-ocorreu-apos-jogador-importunar-menina.ghtml>

Apesar de terem sido mencionados anteriormente, os subtipos de *dedução* e de *percepção de evento* são retomados a seguir para uma explicação mais detalhada sobre eles e para sua exemplificação.

iv) *Dedução*, quando o falante indica que a informação apresentada é resultado de um cálculo mental assentado na percepção sensorial:

- (4) **Sei**, pelo barulho do encanamento do edifício, que o vizinho do andar de cima já acordou e está escovando os dentes. (KAPP-BARBOSA, 2017, p. 125)

Nesse exemplo, o falante percebe, por meio da audição, o Estado de Coisas *barulho*, que serve de base para a dedução de outros dois eventos, *o vizinho do andar de cima ter acordado* e *estar escovando os dentes*. Esses últimos não são percebidos diretamente pelo falante, mas são o resultado de um raciocínio realizado com base na percepção de um evento.

A dedução tem escopo sobre a camada do Episódio, no Nível Representacional, porque sempre envolve um conjunto de eventos, no mínimo, o percebido pelo falante e o deduzido (HENGEVELD; HATTNHER, 2015).

v) *Percepção de evento*, quando o falante indica que algo foi diretamente percebido por meio de um de seus cinco sentidos:

- (5) Sete e meia da manhã. Cruzo a cidade adormecida e escura. Já no centro, perto do trabalho, **ouço** passarinhos cantando. Passarinhos cantando. Em pleno janeiro. (VENDRAME-FERRARI, 2012a, p. 109)

Nesse exemplo, o falante percebe, por meio da audição, o evento *passarinhos cantando*, que é indicado por meio do verbo *ouvir*. Esse subtipo evidencial envolve a percepção de um único Estado de Coisas, e é por isso que tem escopo sobre a camada do Estado de Coisas, no Nível Representacional (HENGEVELD; HATTNHER, 2015).

3 Universo de pesquisa

3.1 *Corpus* de análise e delimitação do objeto de estudo

O *corpus* analisado é composto por textos de *blogs*, e a escolha desse gênero é motivada por seu caráter argumentativo, que já se havia mostrado propício para o aparecimento de marcas evidenciais em outros estudos (VENDRAME, 2010; VENDRAME-FERRARI, 2012a, 2012b, entre outros). A razão para isso é que a evidencialidade é uma estratégia argumentativa que, ao mostrar a fonte ou o meio de aquisição da informação veiculada no enunciado, demonstra a confiabilidade daquilo que é dito.

Nos *blogs* analisados, há a apresentação de um tema, sobre o qual o proprietário do *blog* expressa sua opinião e, depois, seus leitores participam da discussão na seção destinada aos comentários, podendo, inclusive, responder aos comentários uns dos outros. Desse modo, para defender seu ponto de vista, muitas vezes, o falante expressa *como* sabe aquilo que sabe, a fim de trazer maior confiabilidade à sua argumentação.

No que diz respeito ao modo como os dados serão referenciados ao longo deste trabalho, opta-se por indicar diretamente, nos exemplos, o endereço do *blog* do qual foi retirada a ocorrência.

Também levando em conta trabalhos anteriores (GONÇALVES, 2003; VENDRAME, 2010; CASSEB-GALVÃO, 2011; VENDRAME-FERRARI, 2012a, 2012b; KAPP-BARBOSA, 2017; HATTNER, 2018, entre outros), constata-se que os verbos são uma forma abundante da expressão da evidencialidade em língua portuguesa. A partir dessa constatação, este estudo opta também por analisar o uso de alguns verbos em construções evidenciais. São selecionadas, então, ocorrências de *ver*, *observar*, *ouvir*,

sentir e perceber, identificados, a partir de uma leitura inicial do *corpus*, como elementos que expressam tanto a dedução quanto a percepção de evento.

De fato, os verbos de percepção desempenham um papel importante na argumentação do gênero *blog*. Como afirma Vendrame (2010, p. 104),

Tendo em vista que os verbos de percepção envolvem necessariamente uma exteriorização de algum tipo de apreensão pelos sentidos por parte do falante, nos blogs eles são usados em narrativas para especificar os mais diversos tipos de percepção, em comentários para expressar pontos de vista, em exposição de fatos, para fundamentá-los etc.

A partir dessa afirmação, verifica-se a versatilidade dos verbos de percepção para expressar a evidencialidade e contribuir com a argumentação do falante.

Além disso, como dito anteriormente, este trabalho analisa, especificamente, as construções em que o verbo evidencial é núcleo de uma Oração Simples ou Complexa, e a informação sob se o escopo aparece como complemento dessa oração. A opção por esse tipo de construção parte da proposta, deste trabalho, de analisar a expressão da dedução e da percepção de evento em formas polissêmicas. Assim, pretende-se verificar como é feita a diferença entre esses subtipos evidenciais quando codificados pelos mesmos verbos e pela mesma relação morfossintática (de complementação).

3.2 Critérios de levantamento e de análise das ocorrências

No intuito de separar os usos de *dedução* e de *percepção de evento* dos verbos *ver*, *observar*, *ouvir*, *sentir* e *perceber* de seus outros usos, os seguintes critérios de seleção das ocorrências são adotados: i) o verbo evidencial é empregado, na ocorrência, com sentido de percepção sensorial ou de raciocínio; ii) o verbo evidencial está na primeira pessoa do singular; iii) nos tempos presente ou passado do modo indicativo; e iv) o verbo evidencial

é utilizado como núcleo de uma Oração Simples ou Complexa, cujo complemento pode ser outra Oração, um Sintagma ou uma Palavra.

O primeiro critério tem motivações óbvias: tendo em vista que a percepção de evento marca uma percepção sensorial e que a dedução marca um raciocínio, somente ocorrências com esses sentidos veiculam os evidenciais buscados por esta pesquisa. O segundo critério, por sua vez, justifica-se pela natureza dêitica da evidencialidade (DE HAAN, 2005; HASSLER, 2010), que, ao expressar o meio pelo qual o falante obteve a informação, deve tê-lo como referente, e essa marca é normalmente indicada pela primeira pessoa do singular. A escolha do terceiro critério deve-se às consequências lógicas dos conceitos de dedução e de percepção de evento: em primeiro lugar, não é possível perceber, pelos sentidos, algo que ainda não aconteceu e também não é possível comunicar um raciocínio que ainda não existe no momento de fala, o que impede, em ambos os casos, que o verbo evidencial esteja no futuro. Em segundo lugar, considerando que o indicativo é prototipicamente o modo das Orações Simples e das Orações Matrizes, as Orações Evidenciais estão restritas a esse modo. Por fim, o quarto critério é justificado pelo recorte proposto por este trabalho, que, ao centrar seu interesse em formas polissêmicas, tenciona verificar como a dedução e a percepção de Evento diferem quando codificadas pelos mesmos verbos na mesma relação morfossintática.

Para analisar as ocorrências levantadas, outros critérios são propostos. Os dois primeiros são i) a natureza semântica do complemento da Oração Evidencial e ii) o tipo de complemento da Oração Evidencial, oracional ou não oracional. Os complementos oracionais são, então, submetidos a mais um conjunto de critérios, sendo eles: iii) simultaneidade, anterioridade ou posterioridade entre o verbo evidencial e o verbo da Oração Completiva; iv) finitude da Oração Completiva; e v) referência temporal da Oração Completiva.

O primeiro critério é utilizado para identificar a qual subtipo evidencial a ocorrência pertence, dedução ou percepção de evento, tendo em vista que esse é, a princípio, um dos meios de distinguir os evidenciais de dedução e de percepção de evento. O segundo critério pretende investigar se os verbos evidenciais analisados encaixam tipos diferentes de unidades morfossintáticas a depender do sentido com que são empregados. Além disso, considerando que a percepção de Evento exige simultaneidade entre a percepção e o evento percebido e que a dedução necessita de um distanciamento temporal e/ou espacial entre a dedução e o evento deduzido (HATTNER, 2013), o terceiro critério tenciona verificar em que medida essas relações de simultaneidade e distanciamento podem ser identificadas na expressão evidencial dos verbos analisados. O quarto critério é utilizado para verificar se é possível estabelecer uma relação entre Episódio/Estado de Coisas, que são as unidades semânticas sob o escopo dos evidenciais analisados, e finitude/não finitude das Orações que codificam essas entidades semânticas. Por fim, o quinto critério é proposto no intuito de verificar como se dão as relações temporais entre os muitos eventos envolvidos nos meios de obtenção da informação veiculados pelos evidenciais em foco (na percepção direta, são a percepção sensorial, o evento percebido e a comunicação dessa percepção; e, na dedução, são a percepção da evidência que embasa o raciocínio, a própria ação de deduzir, o evento deduzido, e a comunicação da dedução).

A análise a seguir é embasada por uma classificação manual das ocorrências, feita a partir dos critérios de análise citados anteriormente e pelo posterior cruzamento das variáveis atribuídas às ocorrências nessa classificação, realizado com o auxílio do programa *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

4 Análise e discussão dos dados

Em primeiro lugar, é relevante comentar a conexão da dedução e da percepção de evento com os verbos de percepção analisados. Semanticamente, é evidente a ligação dessa classe de verbo com os evidenciais de percepção de evento: os lexemas desses verbos designam percepções sensoriais, e o subtipo evidencial mencionado é a marca que sinaliza esse meio de obtenção da informação.

Além disso, ao que parece, por meio de um processo de abstratização, esses verbos passam a expressar também uma dedução, que marca um raciocínio, e não mais uma percepção sensorial. Ainda assim, observa-se claramente a ligação entre os lexemas dos verbos de percepção e a própria base do raciocínio dedutivo, que estão ambos relacionados a percepções sensoriais. Essa abstração, que possibilita que os verbos de percepção sejam utilizados tanto com o sentido de percepção de evento quanto com o de dedução, também confirma a previsão de Hengeveld e Hattner (2015) de que uma mesma forma pode expressar diferentes sentidos evidenciais desde que eles tenham escopo sobre camadas contíguas dos níveis da gramática.

Uma primeira diferença entre a dedução e a percepção de evento, nos dados analisados, diz respeito ao tipo de núcleo da unidade semântica codificada pela Palavra, dentro ou não de um Sintagma, que funciona como Objeto da Oração simples em que o evidencial está contido. Isso, porque apenas a percepção de evento pode encaixar Sintagmas e Palavras que, no Nível Representacional, correspondem a uma variável de núcleo lexical⁷, como se vê no exemplo a seguir:

⁷ Chama-se “lexical” o núcleo de uma variável composto por um lexema. Os Estados de Coisas de núcleo lexical, em português, costumam ser codificados sob a forma de substantivos, como *chuva*, *festa* e *dança*.

- (6) — Obrigada — ela abre os braços pedindo um abraço e ali eu me encaixo, seu coraçãozinho está chiando e ainda **sinto** sua respiração pesada. (<http://fanficaubls.blogspot.com/2016/12/marina-voce-pegou-pesado-o-mario-se.html>)

Em (6), o evento *respiração* funciona como Objeto da Oração que contém o evidencial, o qual indica, por sua vez, uma percepção realizada por meio do tato. Semanticamente, *respiração* corresponde a um Estado de Coisas de núcleo lexical, já que é composto simplesmente por uma Propriedade Lexical.

Embora se possa alegar que também haja Episódios nominalizados em português, como acontece com o substantivo *processo*, por exemplo, nenhuma ocorrência de dedução expressa por Oração Simples + Episódio Nominalizado sob a forma de uma Palavra Nominal foi encontrada nos dados analisados.

Além disso, como previsto por Hattnher (2013) e por Hengeveld e Hattnher (2015), a percepção de evento é caracterizada pela simultaneidade da percepção e do evento percebido, ou seja, o falante percebe diretamente, por meio de um dos sentidos, a ocorrência do Estado de Coisas descrito em seu enunciado, como se observa em (7) e (8):

- (7) Fiquei me perguntando por onde andou o meu olhar nestes anos em que passei por ela tantas vezes sem a enxergar... Hoje **a vi sorrindo**, sombreando a vida e o banco onde as pessoas param para aguardar sem mesmo guardar a beleza que ali está. (<http://katiaexito.blogspot.com/2012/>)
- (8) **Vejo brotarem jatos d'água em inúmeros pontos** deixando a plateia ainda mais tensa. (<http://oarquivodemorfeu.blogspot.com/2017/06/sonho-da-note-do-dia-24-para-o-dia-25.html>)

Em (7), o falante percebe, por meio da visão, uma mulher sorrindo e marca essa informação como percebida a partir do uso do verbo *ver*. Em (8), analogamente, o falante percebe, também por meio da visão, brotarem jatos de água em um auditório, utilizando o verbo *ver* para marcar essa informação como percebida.

Em ambos os exemplos, o Estado de Coisas percebido é expresso sob a forma de uma Oração não finita que ocupa a posição de Objeto da Oração Matriz que contém o evidencial. Tendo em vista que a percepção e o evento percebido têm de ser simultâneos, o falante localiza temporalmente apenas uma das Orações, a Matriz, e a Oração Completiva assume a forma não finita a fim de marcar sua dependência temporal. Além disso, a escolha entre as formas reduzidas de gerúndio ou de infinitivo tem motivação aspectual: como observa Vendrame (2010), enquanto a reduzida de gerúndio, como em (7), expressa aspecto progressivo, a reduzida de infinitivo, como em (8), não tem marcada uma especificidade aspectual.

Uma última observação a respeito dos exemplos (7) e (8) diz respeito à localização temporal da Oração Evidencial, que pode ser feita tanto no presente quanto no passado. Como se observa nesses exemplos, a percepção e o evento percebido podem não coincidir com o momento de fala, o que é indicado pelo pretérito perfeito atribuído ao verbo *ver* em (7), ou podem ser simultâneos a ele, o que é marcado pelo uso do presente do indicativo em (8). É preciso ressaltar que, em ambos os casos, a percepção e o evento percebido são sempre simultâneos, o que é uma condição para a caracterização desse subtipo evidencial, como dito anteriormente.

A previsão de Hattner (2013) sobre o distanciamento temporal e/ou espacial exigido pela dedução também é verificada nas ocorrências desse subtipo evidencial encontradas no *corpus*. Segundo a autora, o evento deduzido e a dedução só são concomitantes se houver uma distância espacial entre o falante e o evento deduzido. Assim, o falante pode deduzir um evento que acontece no momento de fala, mas ao qual não tem acesso diretamente por meio de seus sentidos, como no exemplo (9):

- (9) Também **percebo** *que aumenta a pressão da água*, a ponto de rachar o piso do auditório. - (<http://oarquivodemorfeu.blogspot.com/2017/06/sonho-da-note-do-dia-24-para-o-dia-25.html>)

Nesse exemplo, o falante deduz que a pressão da água aumenta porque vê a rachadura no piso do auditório. Apesar de comunicar o evento *aumentar a pressão* como ocorrendo no momento de fala, o falante não percebe esse aumento por meio de um de seus sentidos, mas chega a essa conclusão com base em pistas observadas no ambiente.

De acordo com Hattnher (2013), a distância entre a dedução e o evento deduzido também pode ser temporal, como se vê em (10):

- (10) Alguns fãs se aproximam, são no máximo cinco meninas. Ele e os meninos batem foto com elas. Eu fico apenas observando de longe sem graça com a situação. Uma delas me vê e finge que não sou ninguém, agora as outras **vejo** *que realmente não me enxergaram ali*, pois estão vidradas no ídolo delas. (<http://fanficaubls.blogspot.com.br/2016/12/>)

Nesse exemplo, a falante, tendo sido ignorada por um grupo de fãs que estavam vidradas no ídolo delas, deduz que não foi enxergada por essas pessoas. O Episódio *que realmente não me enxergaram ali* é posto no passado, porque é anterior ao momento de fala.

Em ambos os exemplos, a Oração que ocupa a posição de Objeto da Oração Evidencial é apresentada sob a forma finita. Além disso, não foi encontrado nenhum caso de Oração não finita sob o escopo de um evidencial de dedução. A razão para isso é que a não finitude implicaria uma simultaneidade temporal e uma proximidade espacial entre o falante e a realização do Estado de Coisas, que são características da percepção de evento. Desse modo, a dedução parece não apresentar complementos não oracionais em razão de uma estratégia da língua para evitar ambiguidades.

No que diz respeito ao tempo e ao modo da informação sob o escopo do evidencial dedutivo, apenas Episódios no presente e no passado foram encontrados nos dados

analisados, como em (9) e em (10). Embora a dedução de algo que acontecerá no futuro, a partir de pistas disponíveis no presente ou no passado, pareça ser logicamente possível, como afirmam Hengeveld e Hattner (2015), a comunicação dessa operação talvez seja preferencialmente realizada por meio de outros verbos em português, que expressem também modalidade epistêmica e que sirvam, desse modo, para demonstrar o comprometimento do falante com um raciocínio sobre algo que ainda não aconteceu.

Com relação à ligação da dedução e da percepção de evento com a fundamentação daquilo que é dito pelo falante, o exemplo a seguir ilustra como os diferentes meios de obtenção da informação contribuem para a construção do saber dos indivíduos e para sua argumentação:

- (11) Todas as terças, quando vou à feira, sempre passo por uma criança que eu acreditava ter 12 anos. A criança é obesa, tem dificuldade pra andar, correr nem pensar e todas as terças ela está lá, na banquinha de pastel. Outro dia, parei pra comprar caldo de cana, e **ouvi a mãe dela conversando com a vizinha**, a criança tem 9 anos e já menstruou, segundo ela o médico disse que é por causa da obesidade. (<http://servicodepreta.blogspot.com/2014/05/obesidade-nao-e-o-botao-do-seu-jeans.html>)

Em (11), o verbo *ouvir* é utilizado como uma marca evidencial de percepção de evento, cujo escopo recai sobre *a mãe dela conversando com a vizinha*. Note-se que essa leitura é feita considerando que a falante descreve o evento sonoro ouvido por ela, e não as palavras das mulheres que conversam. Se *ouvir* tivesse sido utilizado no trecho seguinte, como em *ouvi que a criança tem 9 anos e já menstruou*, esse uso seria classificado como reportativo, pois indica repasse de material linguístico, e não a descrição de um evento sonoro. No exemplo (11), é possível, ainda, observar como pistas visuais embasam a dedução da falante, que, ao observar a aparência da criança, deduz que ela tenha 12 anos, informação que só é corrigida pela declaração da mãe da menina. Embora o verbo *acreditar*, nesse contexto, não tenha um valor evidencial, sendo apenas o relato de uma

crença, é possível perceber como as pistas visuais servem para embasar uma crença da falante.

Por fim, das ocorrências levantadas, uma das mais interessantes é a apresentada em (12), em que, ao que parece, mais de um sentido evidencial é veiculado, ao mesmo tempo, pela mesma marca evidencial:

- (12) Mas eis que ela, a borboleta, se prende à vassoura e ele, o gari, gentilmente a leva para cima da plataforma, **observo** *que olha em volta e então escolhe um canto e jeitosamente sacode a vassoura até a borboleta se desvencilhar da mesma.* - (<http://katiaexito.blogspot.com/2012/>)

Nesse exemplo, *observar* é utilizado para marcar, ao mesmo tempo, a percepção de três unidades distintas, designadas pelos verbos *olhar*, *escolher* e *sacodir*. A princípio, seria possível levantar a hipótese de que *observar* encaixa uma sequência de eventos, portanto um Episódio. Entretanto, não se pode perceber, de uma única vez, a realização de três eventos distintos. O que se percebe, na verdade, é a realização individual de cada um.

Descartada essa hipótese, seria possível supor que *observar* indica a percepção sensorial de três Estados de Coisas, ficando o evidencial elíptico depois de marcar o primeiro evento como percebido, por causa de uma estratégia de economia da língua. Essa suposição, entretanto, contrariaria o que é descrito na literatura: de acordo com Vendler (1967), Dik (1997), Vendrame (2010), entre outros autores, um Estado de Coisas é expresso por formas não finitas, e não por formas finitas, como acontece em (12).

Outra hipótese seria considerar que cada unidade sob o escopo do evidencial é um Episódio diferente, havendo, assim, três deduções distintas. Entretanto, *olhar em volta* e *jeitosamente sacodir a vassoura* são ações que podem ser percebidas pela visão, e, considerando que o falante tem acesso direto às ações por meio desse sentido, seria muito improvável que ele estivesse deduzindo algo que pode ver com seus próprios olhos.

O que acontece no exemplo (12) então? Para responder a essa pergunta, é preciso considerar cada unidade sob o escopo do evidencial separadamente. Como dito antes, *olhar em volta e jeitosamente sacudir a vassoura* são ações que podem ser percebidas pela visão. Por outro lado, *escolher um canto* parece ser uma dedução, tendo em vista que *escolher* é uma interpretação do falante que decorre de um raciocínio: o que é visto, na verdade, são os movimentos do outro indivíduo, como ir sucessivamente a lugares diferentes, examinando-os, e, a partir desses movimentos, o falante julga que o outro está escolhendo onde vai soltar a borboleta.

Se isso for, de fato, o que acontece no exemplo (12), o que se observa é uma sobreposição de sentidos: *observar* exprime, ao mesmo tempo, duas percepções de evento e uma dedução. Na realidade, essa sobreposição é provável ao se considerar que: i) o verbo *observar* é capaz de veicular ambos os subtipos evidenciais; ii) a construção “Oração matriz que contém o evidencial + Oração Completiva com a informação sobre o escopo do evidencial” é utilizada para codificar a dedução e a percepção de evento; iii) o verbo utilizado é polissêmico e não está gramaticalizado com a função evidencial; iv) a dedução e a percepção de evento têm escopo sobre camadas contíguas do nível semântico; e v) a percepção sensorial tem papel fundamental para a formulação das duas.

Desse modo, o que acontece na ocorrência (12) parece ser um encurtamento que faz ficarem elípticos os evidenciais de duas unidades, condensando-os em uma única marca. Além disso, esse encurtamento causa uma coordenação das unidades descritas pelo falante. Por fim, considerando que *escolher um canto* corresponde, no Nível Representacional, a um Episódio, unidade mais alta na hierarquia do Nível Representacional que o Estado de Coisas, e que esse Episódio é codificado por uma Oração finita, é o paralelismo que faz com que as Orações que codificam os Estados de Coisas percebidos pelo falante também assumam a forma finita.

5 Considerações finais

Como foi observado ao longo da discussão proposta neste trabalho, haja vista a delimitação dos subtipos evidenciais a partir de critérios pragmáticos e semânticos na perspectiva da GDF, a aplicação desses critérios pode ser utilizada para descrever adequadamente a evidencialidade expressa por diferentes meios, tanto gramaticais quanto lexicais.

A seguir, são sumarizadas as características da dedução e da percepção de evento, encontradas, neste estudo, quando expressas por verbos de percepção na relação morfossintática de complementação:

- *Percepção de evento:*

- A Oração Evidencial e o evento sob seu escopo são sempre simultâneos, e o falante atesta, por meio de um de seus sentidos, a realização do evento que descreve;

- É expressa em Orações Simples e Complexas. O complemento, no primeiro caso, pode ser um Estado de Coisas nominalizado, que se dá sob a forma de uma Palavra Nominal que pode ou não ser núcleo de um Sintagma, ou, no segundo caso, pode ser um Estado de Coisas expresso sob a forma de uma Oração não finita reduzida de gerúndio ou de infinitivo;

- Como prevê Hattner (2013), a referência temporal do evidencial de percepção de evento pode ser o presente, se a percepção sensorial for concomitante ao momento de fala, ou o passado, se a percepção for anterior ao momento de fala. A percepção sensorial e o evento percebido, por sua vez, têm de ser sempre simultâneos, independentemente de sua localização como anteriores ou concomitantes ao momento de fala.

DE HAAN, F. de. Encoding speaker perspective: evidentials. *In*: FRAJZYNGIER, Z.; HODGES, A.; ROOD, D. (eds.). **Linguistic diversity and language theories**. Amsterdam: Benjamins, 2005. p.379-397.

DIK, S. C.; HENGEVELD, K. (ed.). **The Theory of Functional Grammar**. Part II: Complex and Derived Constructions. Berlin e Nova York: Mouton de Gruyter, 1997.

G1 PR. Caso Daniel: Segurança disse que confusão na saída de casa noturna ocorreu após jogador importunar menina. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/04/18/caso-daniel-seguranca-disse-que-confusao-na-saida-de-casa-noturna-ocorreu-apos-jogador-importunar-menina.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2019.

GONÇALVES, S. C. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**: um estudo de caso no português do Brasil. 2003. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2003.

HASSLER, G. Epistemic modality and evidentiality and their determination on a deictic basis: the case of Romance languages. *In*: DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. (eds.). **Linguistic Realization of Evidentiality in European Languages**. Berlin/Nova York: Walter de Gruyter, 2010. p. 223-248.

HATTNER, M. M. D. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. **Entrepalavras**, v. 8, n. esp., p. 98-111, 2018.

HATTNER, M. M. D. The interaction between tense and evidentials of event perception and deduction in Brazilian Native languages. *In*: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (ed.) **Casebook in Functional Discourse Grammar**. 1. ed. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 39-66.

HENGEVELD, K.; FISCHER, R. A'ingae (Cofán/Kofán) Operators. **Open Linguistics**, v. 4, p. 328-355. 2018.

HENGEVELD, K.; FISCHER, R.; GRANDIS, S. **Episodes, New Topics and Conditionals in A'ingae**. 2018. Disponível em: <http://www.keeshengeveld.nl>. Acesso em: 15 jan. 2019.

HENGEVELD, K.; HATTNER, M. M. D. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Linguistics**, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. **Functional Discourse Grammar**. A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KAPP, A. M. M. **Relações entre tempo e evidencialidade nas línguas indígenas do Brasil**: um estudo tipológico-funcional. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2013.

KAPP-BARBOZA, A. M. **Usos do verbo saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. 2017. 153 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2017.

REGINA, T. Primeiro Encontro. *In*: REGINA, T. **A última batida**. 2016. Disponível em: <http://fanficaubls.blogspot.com/2016/12/marina-voce-pegou-pesado-o-mario-se.html>. Acesso em: 7 de nov. 2017.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SONHO (Da noite do dia 24 para o dia 25 de maio de 2017). **O arquivo de Morfeu**. 2017. Disponível em: <http://oarquivodemorfeu.blogspot.com/2017/06/sonho-da-note-do-dia-24-para-o-dia-25.html>. Acesso em: 8 nov. 2017.

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VENDRAME, V. **Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa**. 2010. 176 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

VENDRAME-FERRARI, V. Orações complexas com verbos de percepção como forma de expressão da evidencialidade. **Estudos Linguísticos**, v. 41, n. 1, p. 101-115, jan./abr. 2012a.

VENDRAME-FERRARI, V. Verbos de percepção em construções evidenciais de acordo com o modelo da gramática discursivo-funcional. **Linguística**, v. 8, n. 1, p. 100-112, jun. 2012b.